

**XXI JORNADAS DE HISTORIA ECONOMICA
ASOCIACION ARGENTINA DE HISTORIA ECONOMICA
UNIVERSIDAD NACIONAL DE TRES DE FEBRERO
Caseros (Buenos Aires), 23 al 26 de septiembre de 2008
<http://xxijhe.fahce.unlp.edu.ar>
ISBN: 978-950-34-0492-8**

Reestruturação Produtiva e Re-espacialização Industrial: reflexo das novidades estratégico-institucionais nas regiões do Sul Fluminense Brasileiro e da província argentina de Córdoba*

João Assis Dulci*

Rogério Gutierrez Gama*

Baiena Feijolo Souto *

Resumo

O Presente trabalho se baseia no entendimento da reestruturação produtiva e da re-espacialização industrial a que o mundo assistiu no final do século XX, e nos reflexos sócio-espaciais deste processo neste início de século XXI. De maneira comparativa, o trabalho propõe um estudo sobre as mudanças sócio-demográficas, econômicas, políticas e territoriais entre duas regiões, Médio Paraíba Fluminense, no Brasil, e da *Gran Córdoba*, na Argentina, que iniciaram sua industrialização em períodos de produção fordista e foram reestruturadas em uma nova racionalidade de produção e organização dos territórios. Deste novo modelo incorreu uma série de mudanças que ultrapassam os limites da fábrica e afetam diretamente a população e o desenvolvimento regional.

Foram utilizados para o Brasil dados do Censo Demográfico de 2000 e Contas Nacionais, do *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE) e dados da *Fundação Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro* (CIDE). Para a Argentina utilizou-se dados do censo demográfico de 2001 disponíveis através do *Instituto Nacional de Estadística y Censos de la República Argentina* (INDEC) e da série histórica da *Encuesta Permanente de Hogares* (EPH), pretendendo-se avaliar e estabelecer comparações das principais características do mercado de

* Trabalho apresentado para as XXI Jornadas de Historia Económica.

* Mestrando da Escola Nacional de Ciências Estatísticas

* Mestrando da Escola Nacional de Ciências Estatísticas

* Mestranda da Escola Nacional de Ciências Estatísticas

trabalho através da evolução do emprego e faixa de rendimentos por atividade econômica entre as regiões selecionadas dos dois países.

Mostramos, que, historicamente, as duas regiões são fundadas em matrizes produtivas diferentes, Sul Fluminense com a Siderurgia e Córdoba com a Indústria Aeroespacial e de Automóveis, mas com modelos produtivos idênticos: o fordismo. Entretanto, diante da reestruturação, com as respectivas especificidades, as características sócio-demográficas e regionais se assemelham quando as duas regiões implantam novos sistemas produtivos, semelhantes na busca de reverter as crises econômicas instauradas, mais agudamente, a partir, dos anos 1990.

1. Introdução

O trabalho aqui apresentado é parte inicial de um estudo sobre a dinâmica sócio-econômica e territorial em função do recente crescimento da industrialização na região do Médio Paraíba Fluminense no Brasil e da industrialização reestruturada da região da *Gran Córdoba*, na Argentina. A escolha das regiões foi pautada em características pontuais históricas relativas à estruturação da produção, ou seja, regiões onde o modelo fordista impulsionou o desenvolvimento local e regional; e regiões que tivessem localizações estratégicas em relação aos grandes centros industriais de cada país.

Desta forma, a partir dos processos que refletem alterações estratégicas no desenvolvimento industrial mundial ao longo da última década do século XX e primeira do século XXI, traçamos as transformações sócio-espaciais ocorridas em função do crescimento econômico e das mudanças de perfil produtivo em duas regiões de importância para seus países. Em face desses pontos, levamos a cabo a indagação acerca da existência de uma dupla face – ganhadora e/ou perdedora – de inserção do Médio Paraíba do sul Fluminense na dinâmica territorial mais ampla na qual se inscreve. Ao mesmo tempo, também com a região de Córdoba, pós-reestruturação, em relação à suas atividades industriais.

A questão central do trabalho é, portanto, apresentar de forma comparativa, como se alimentam os sistemas de reestruturação produtiva nos dois pólos regionais industriais propostos e as conseqüências no mundo do trabalho e no modo de vida da população que está diretamente ligada, territorialmente, a esta dinâmica.

A resposta a esta questão parte de uma análise sistemática dos dados a partir das Estatísticas oficiais, que para a região brasileira serão baseadas no censo de 2000 e dados das Contas Nacionais, disponíveis pelo *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE) e dados da *Fundação Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro* (CIDE). Para a região Argentina, dados do Censo de 2001 e *Encuesta Permanente de Hogares* (EPH), disponibilizados pelo *Instituto Nacional de Estadística y Censos de la Republica Argentina* (INDEC) da Gran Córdoba. Os indicadores selecionados objetivam mensurar características sócio-demográficas, evolução dos empregos e da faixa de rendimentos por atividade econômica. Neste sentido, pretendeu-se ressaltar a importância de se participar de um diálogo entre países de peso significativo na América Latina, tomando por objeto duas regiões que têm em discussão corrente o desenvolvimento regional e local, associado a características demográficas e suas conseqüências no mundo do trabalho partindo das novas áreas industriais, subsidiando análises relacionadas ao tema.

2. O cenário global da reestruturação econômica mundial: do fordismo às mudanças produtivas do fim do século XX

O século XX foi marcado por diversos movimentos, tenham sido sociais, econômicos, políticos e territoriais. De certa maneira, todos esses movimentos se integraram em alguns paradigmas extremamente explorados, que podem ser analisados conjunta ou isoladamente.

Um importante ponto de reflexão para compreendermos o século XX é pelo seu sistema produtivo, suas formas de acumulação de capital e de reprodução e organização do trabalho,

acrescendo, então, a maneira como os elementos fundantes do capital refletiram no modo de vida das sociedades. Se olharmos para trás, veremos um modelo produtivo que se encaixou perfeitamente no modo de produção capitalista e conseguiu aliar expansão produtiva e elevação de lucros: o fordismo, o primeiro grande processo que pensou produção no mundo moderno, de maneira que isso significasse um método científico de organização fabril, racionalmente voltada para redução de perdas e aumento de lucros. O Modelo de produção fordista nasceu de uma análise extremamente metódica do trabalho fabril. Taylor, ao perceber perdas de tempo em algumas operações e em algumas formas organizacionais internas das fábricas, chegou a conclusões que mudariam o mundo do trabalho para sempre. Em busca de redução de custos e, com isso, redução do preço final do produto, de modo que as vendas aumentassem substancialmente, Henry Ford adotou as idéias de Taylor em sua fábrica de carros.

A nova organização produtiva substituiu os trabalhadores extremamente capacitados, de uma linhagem quase artesanal, por um trabalhador que fosse capaz de operar dentro de uma lógica de ferramentas definidas pela fábrica. O trabalhador não tinha mais o controle de suas ferramentas. Dentro dessa lógica, como esclarece BRAVERMAN (1987):

“em primeiro lugar, os trabalhadores são separados dos meios com os quais a produção é realizada e só podem ter a eles vendendo sua força de trabalho a outros. Em segundo, os trabalhadores estão livres de restrições legais, tais como servidão ou escravidão, que os impeçam de dispor de sua força de trabalho. Em terceiro, o propósito do emprego do trabalhador torna-se a expansão de uma unidade de capital pertencente ao empregador, que está assim atuando como um capitalista. O processo de trabalho começa, portanto, com um contrato ou acordo que estabelece as condições da venda da força de trabalho pelo trabalhador e sua compra pelo empregador.”

Segundo Gounet, o fordismo se apóia em cinco pontos fundamentais: 1) a produção em massa, na busca de responder à já referida ampliação do consumo; 2) o parcelamento das tarefas, limitando os gestos dos operários em busca da máxima especialização naquele nicho produtivo, o que gera a desqualificação dos operários; 3) a criação da linha de montagem de modo a regular a ligação do trabalho, gerando também uma cadência controlável pela empresa – isso gera uma

produção fluida, limitando ao máximo os estoques e o transporte entre as operações; 4) a padronização das peças, o que permite que um modelo sirva de base para a produção de inúmeros produtos e ao mesmo tempo obriga a detenção da posse das fabricantes de peças – controle direto do processo de produção, de cima a baixo; 5) a conseqüente automatização das fábricas.⁶

O modelo fordista não só estruturou a produção interna, como condicionou, de certa maneira, a organização associativa dos trabalhadores, chegando mesmo a se constituir num modelo de acumulação visceralmente ligado a organizações e estratégias estatais. O período de larga acumulação e rápido crescimento entra 1945 e 1973, que se convencionou chamar de “os trinta anos gloriosos do capitalismo”, foi o período do ápice da reprodução dos padrões fordistas pelo mundo. (WOOD, 1991)

Esse modelo, porém, esbarrou em alguns obstáculos. O que se viu, basicamente em todo o mundo, foi a sua gradual reformulação a partir das duas crises internacionais do petróleo, que aumentaram os custos dos produtos e das produções e um processo de “estagflação”⁷, com baixo crescimento econômico e uma inicial inundação do mercado com a sempre crescente produção fordista. A produção jamais encontrou compradores e, com altos custos, o que se viu foi uma onda de rearticulações, com demissões e mecanizações.

Com os reveses sofridos ao longo, principalmente, dos anos 1970, pelas principais potências capitalistas (com reflexos terríveis nos países periféricos), o modelo fordista perdeu gradativamente espaço para algumas reformulações.

Diante de problemas como a estagflação, o descrédito do keynesianismo como solução para a crise que se evidenciava já na primeira metade da década de 1970, crise essa aumentada, principalmente, pela fraca capacidade de alternativas de matrizes produtivas de todos os países

⁶GOUNET, Thomas: *Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel*, São Paulo, Ed. Boitempo, 1999, pp. 18/19

⁷ ANDERSON, Perry: “Balanço do Neoliberalismo”, IN: *Pós-Neoliberalismo: As políticas sociais e o Estado democrático*, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 2000.

centrais ou periféricos, além de sua baixa capacidade de honrar dívidas tomadas em anos de expansão capitalista, déficits orçamentários e previdenciários (um dos principais pilares do que se convencionou chamar de Estado fordista), ascendeu nos países centrais o modelo neoclássico de condução econômica, ou o neoliberalismo.⁸ Além disso, um processo de reorganização interna das fábricas, a partir da implantação do que ficou conhecido como “toyotismo”, ou “modelo japonês”.

“O trabalho organizado foi solapado pela reconstrução de focos de acumulação flexível em regiões que careciam de tradições industriais anteriores e pela reimportação para os centros mais antigos das normas e práticas regressivas estabelecidas nessas novas áreas.”(HARVEY, 1992)

As relações de trabalho, por sua vez perderam um elo identitário, categorias de trabalhadores foram substituídas por modelos cooperativos, e o processo de terceirização gerou certa desregulamentação nas relações formais de trabalho, dentre outras conseqüências.

Na nova organização das fábricas, modelos celulares ou modulares acabaram com as extensas linhas de montagem. Para o modelo japonês, é muito importante o fator localização, que interfere na logística para investimentos.

Dentro desse raciocínio, o ‘novo espaço industrial’ se caracterizaria pela capacidade organizacional e tecnológica de separar o processo produtivo em diferentes localizações, ao mesmo tempo em que reintegra sua unidade por meio de conexões de telecomunicações e da flexibilidade e precisão resultante da microeletrônica na fabricação de componentes (CASTELLS, 1999).

As indústrias têm tido a tendência de buscar novas localidades para alocar plantas novas, ou mesmo para realocar parques antigos. Em busca de locais sem grande organização e tradição sindicais, de incentivos fiscais, doações de terrenos, etc., as indústrias têm buscado os chamados *green fields*. Além disso, coube a reorganização da própria esteira produtiva mundial.

As metas desse sistema são os chamados *cinco zeros*: zero atraso, zero estoques – somente os estoque de base –, zero defeitos – cada posto de trabalho controla a qualidade do

⁸ Para esse processo, ANDERSON, 2000; ARRIGHI, 2000, FIORI, 1999, ...

trabalho do posto de trabalho precedente, zero panes, zero papéis – substituição de ordens administrativas por placas de visualização imediata.(GOUNET, 1999: 28-29) Já “dentro do espaço produtivo, o *saber intelectual* que foi relativamente desprezado pelo taylorismo-fordismo tornou-se, para o capital de nossos dias, uma *mercadoria muito mais valiosa*.”(ANTUNES, 2003) Com o modelo japonês a diversidade de postos e o processo cooperativo tentam reduzir a resistência operária e a organização sindical. O foco é muito maior no chão de fábrica, na solução das questões de maneira imediata e sem alarde.

Na organização das fábricas, modelos celulares ou modulares acabaram com as extensas linhas de montagem. É muito importante o fator localização, o que interfere na logística para investimentos. Fenômenos como o *outsourcing*, as produções *offshore*⁹ e a terceirização de escritórios e serviços são muito comuns.

The concrete territorial and social organization of production underlying these figures is characterized by, first, a vast expansion in the spatial organization of production to incorporate, via relocation or first-time location, domestic and foreign areas with low-wage labor. (...) Second, there is a reorganization of the work process resulting from the new spatial organization of production as well as the expanded use of certain types of organization of production and the work process, such as small plants, sweatshops, industrial homework and generally the fragmentation of production into multiple separate assembly and processing operations. (SASSEN, 1988)

A maneira como cada espaço passa a sentir essas transformações varia. De modo geral, as grandes potências assistem aos seus empregos médios diminuírem, numa expansão de empregos precários, de baixíssimo salário, ao mesmo tempo que ascendem empregos de altíssimo salário, também ligados ao setor de serviços, no outro extremo do espectro. (SASSEN, 1998)

Formaram-se os *euroconglomerados* e *megaconglomerados* triádicos, cuja configuração obedece às novas determinações *transnacionais* de acumulação e concentração científico-tecnológica, de fluxos financeiros globais, de capacitação especializada para a produção, com conseqüências diretas nas formas de administração e comercialização empresariais, e desdobramentos macroeconômicos e societários, que afetam a política e a estratégia do Estado Nacional. (DREIFUSS, 1996: p.68)

⁹ Como *outsourcing*, entende-se a não obrigação de instalação de plantas industriais próximas a matérias-primas. Busca-se as matérias-primas fora da região da planta. Como *offshore* a produção re-espacializada, n qual a indústria não necessariamente encontra-se onde está a matriz.

No Brasil, bem como na Argentina as reformas de cunho liberalizantes ao longo, principalmente, dos anos 1990, abriram os países para o “novo” estilo de capital produtivo.

3. Córdoba: do processo de industrialização à reestruturação produtiva

A região da capital da província de Córdoba¹⁰ situa-se zona central Argentina, mais especificamente nos Pampas Húmedos e foi uma das áreas de maior desenvolvimento econômico da Argentina no século XX. Favorecida pela centralização de poder no país, pela pacificação e pelas primeiras estratégias para amenizar as desigualdades inter-regionais, Córdoba assistiu ao florescimento do agro-negócio de gado e de grãos, o que permitiu a acumulação de capital necessária para o fomento da indústria. Como aponta CICOLELLA (1992, p.28):

“Desde el punto de vista territorial, esta experiencia significó un notable reforzamiento de las tendencias a la concentración de las inversiones y de la fuerza de trabajo en Capital Federal y el Gran Buenos Aires y en menor medida Rosario, Córdoba, Tucumán y Mendoza, incrementando las ventajas comparativas de las áreas industrializadas. Así por un lado se agudizan las diferencias interregionales generadas por el modelo agroexportador, no sólo vía migraciones internas sino también través del incremento de los procesos de transferencia territorial de excedentes. Resulta obvio el rol que la transformación de la estructura y atribuciones del Estado posee respecto de los procesos de concentración geográfica de la economía de la población y de los procesos de metropolización”.

Favorecida também pelo acúmulo de capital humano, por boas condições de infraestrutura e transportes, Córdoba foi alvo das políticas nacionais de desenvolvimento da Indústria, tendo recebido algumas das maiores montadoras de automóveis do mundo, dentre elas a Volkswagen, a Renault (primeiramente através de uma subsidiária), General Motors e Fiat. De fato, pode-se dizer que:

El sector automotriz jugó un papel fundamental em el desarrollo de la industria argentina. Se lo considero una pieza esencial en la estrategia de Substitución de Importaciones y fue motor de crecimiento en los años sesenta y principios de los setenta. A finales de los años cincuenta tanto empresas nacionales como europea y americanas, General Motors, Ford y Fiat, comenzaron a producir automoviles para el mercado mundial. Debido a la demanda local de componentes se desarrolló una industria autopartista en el país. Es interesante apuntar que las empresas autopartistas suministraron aproximadamente el 90% de los componentes requeridos durante los años sesenta y principios de los setenta (STOBBE, 1999, p. 57)

¹⁰ Os dados utilizados são definidos pela Gran Córdoba que corresponde ao aglomerado urbano formado pela Capital (Córdoba) e distritos dos departamentos ao redor, principalmente Colón ao norte da Capital.

As práticas de substituição de importações no país vigoraram com força, como política nacional central, a fim de impulsionar a industrialização na Argentina e criar e fortalecer um mercado de produção e de consumo internos, não sem a busca por mercados compradores externos. O processo de industrialização de Córdoba foi largamente impulsionado pela implantação do parque industrial aeroespacial, nos moldes fordistas de produção.

No entanto, a situação regional no país mudou a partir dos anos 1970. Uma série de alterações políticas fez com que a política de compensação da desigualdade inter-regional saísse do âmbito do governo central, fazendo com que se estabelecesse a “guerra dos lugares” (HAESBART, 2004). O desafio inter-regional argentino passou a ser a promoção localizada de departamentos e províncias. Ao mesmo tempo, a região de Córdoba perdeu duas das maiores montadoras de automóveis: Fiat e GM.

De um modo geral, a visão estratégica das empresas foi também um dos fatores para a retirada das plantas da Argentina. Os custos de importação de maquinário eram altos, a produtividade demandada pelas empresas nem sempre era cumprida. No entanto, pode-se dizer que o sistema de proteção criado pelo governo promoveu a criação de um mercado fechado, o que, mesmo assim, parece não ter sido suficiente para a permanência das indústrias. Algumas grandes empresas, porém, se mantiveram no mercado argentino, como a Autolatina, fusão temporária da Ford com a Volkswagen, desfeita no começo dos anos 1990, o Grupo Macri com Sevel (Peugeot, anteriormente, também a Fiat), Antelo con Ciadea (Renault), por exemplo.

O que se viu na Argentina, como em todos os países em desenvolvimento na América Latina, ao longo dos últimos vinte anos do século XX foi a acentuação dos processos de reestruturação produtiva nos moldes do *toyotismo*, ou modelo japonês. As indústrias que lá estavam e mesmo as que para lá regressaram moldaram suas plantas de acordo com o conceito de

complexo modular. O que se observa é que a partir das reformas econômicas centrais, a estrutura produtiva Argentina vê

en primer lugar las terminales usan la estrategia de subcontratación global (*global sourcing*) para buscar el *mejor* proveedor en el mercado internacional. En segundo lugar, las partes fabricadas para un cierto modelo de auto deben ajustarse al mismo, ya sea que éste sido haya sido fabricado en Argentina, Estados Unidos o Europa. En tercer lugar, como la demanda de autopartes ensambladas y subensambladas – la renombrada estrategia de subcontratación modular (*modular sourcing*) – está aumentando, muchos fabricantes argentinos tratan de establecer una estrecha relación con un grupo empresarial o compañía extranjeros a fin de obtener el conocimiento necesario para fabricar el producto y la calidad exigidos. (STOBBE, 1999, p.59).

Os processos que seguiram à reestruturação produtiva foram no sentido de orientar a produção para o mercado externo, com capital multinacional. O que assistimos na Argentina foi: desemprego, aumento de produtividade com redução relativa ou absoluta nos salários e modificações internas nos padrões de seleção de trabalhadores e de promoção dos já contratados.

Mais especificamente:

los cambios para los trabajadores son: realizar una cantidad más variada de tareas y desplegar diferentes habilidades (polivalencia), trabajar juntos en un solo producto (trabajo en equipo) y hacer ellos mismos el control de calidad del producto (auto-control). Un supuesto importante del sistema de producción *toyotista* es que los trabajadores participen en la gestión de la producción porque ellos son los que mejor saben como se fabrica un determinado producto. (STOBBE, 1999, p. 61)

Nos anos 1990, após as reformas estruturais no país, algumas indústrias voltaram a investir, com capital direto. Foi o caso da Chrysler, GM e da Fiat. Já a união Ford e VW se desfez, bem como no Brasil. O grupo Antelo vendeu suas ações diretamente para a Renault e a Toyota instalou sua primeira fábrica argentina. O que vemos hoje na Argentina são tentativas de retomada do desenvolvimento levadas a cabo por todas as instâncias de poder, desde o nível federal até os níveis municipais. Essas ações representam mesmo uma ligeira mudança em relação às estratégias governamentais do final do século XX, antes da crise de 2001.

Desde los finales de los años 1980 las preocupaciones por el desarrollo regional y urbano dieron un giro importante pues los gobiernos y actores económicos y sociales nacionales dejaron de ser los protagonistas exclusivos e ingresaron a la escena los gobiernos y actores locales, territoriales y globales. (COSTAMAGNA: 2007, p. 5)

Está em curso na Argentina um projeto de desenvolvimento local muito semelhante aos Arranjos Produtivos Locais que existem no Brasil, como resultado de uma parceria de bancos privados, SEBRAE e a batuta técnico-financeira do BNDES, além do apoio governamental para a criação de agências de desenvolvimento regionais.

“En el Ministerio del Desarrollo Social de la Nación, encontramos un importante plan denominado ‘Plan Nacional de Desarrollo Local y Economía Social, Manos a la Obra’. Lanzado en el año 2003, se propone financiar proyectos productivos, que favorezcan la inclusión social y cuyos orígenes estén dados a partir de las experiencias, oficios, recursos y habilidades de los vecinos y de las características propias de cada municipio y localidad.” (COSTAMAGNA, 2007, p. 13).

Cabe aqui ressaltar que estes processos fizeram com que na Argentina, a partir do processo de reestruturação, surgissem novas áreas produtivas através de um processo de descentralização. Entretanto, comparado com o que ocorreu no Brasil, por exemplo, esta descentralização produtiva foi menor como aponta CICCOLELLA (1992, p.28):

“A escala nacional el proceso de reestructuración está determinando o reforzando la declinación o reconversión del rol de los distritos industriales tradicionales del país (Capital Federal, Buenos Aires, Córdoba y Santa Fe ¹³¹) y paralelamente, la producción de nuevo espacio urbano-industrial en áreas periféricas no industrializadas como es el caso de las provincias de San Luis, Catamarca, La Rioja o el Territorio Nacional de Tierra del Fuego”.

Para ilustrar este processo de desvinculação do modelo produtivo fordista e ascensão da nova lógica foram analisados alguns indicadores que elucidam as principais transformações do mercado de trabalho na *Gran Córdoba*.

3.1 A Gran Córdoba em números

Em uma primeira análise observa-se que na *Gran Córdoba* aconteceram processos semelhantes às principais regiões metropolitanas da América Latina, inversões na estrutura do mercado de trabalho, acompanhados da implementação dos projetos neoliberais, a partir dos anos 1990, e suas sucessivas crises. O Gráfico 1 mostra este processo em curso, principalmente, na segunda metade dos anos 1990 para a região da *Gran Córdoba*. Observou-se, no entanto, que

entre os anos 1980 e 1993 há uma tendência semelhante para Taxa de Atividade, Taxa de Desocupação e Taxa de Emprego¹¹. A Taxa de Atividade (analisada pelo eixo da direita do Gráfico 1) tende a aumentar ao longo do período, ou seja, há um crescimento da PEA em relação a população total. Considera-se que o processo de reestruturação produtiva começa a ser implantado no final dos anos 1990, sendo assim, no primeiro período, de 1980 a 1993, o mercado de trabalho na região tem um aumento de pessoas disponíveis. A Taxa de emprego (analisada pelo eixo da direita do Gráfico 1) não tem uma variação muito forte e a Taxa de Desocupação (analisada pelo eixo da esquerda do Gráfico 1) aumenta de 2,1% para 6,8 em 1993.

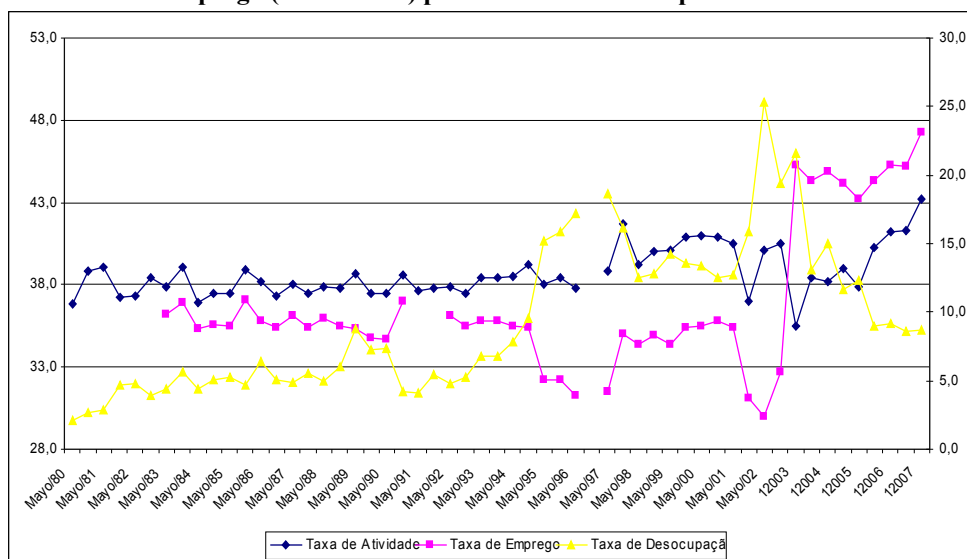
A partir de 1994 até o início dos anos 2000, onde a Taxa de Atividade sobe um pouco mais e há um aumento significativo da Taxa de Desocupação e, conseqüentemente, uma queda na Taxa de Emprego que passa de 35,4% (1994) para 31,4 (1996). Isto significa que a massa de empregos disponíveis não acompanhou o crescimento da Taxa de Atividade.

Este hiato divergente entre as taxas para *Gran Córdoba* correspondente ao final dos anos 90, com a “*selvagem*” economia neoliberal imposta na maioria dos países em desenvolvimento da América Latina. Como bem caracteriza CIEZA & GONZALEZ (2005), as conseqüências da postura política imposta na Argentina neste período configuraram o que os números apresentam:

El proceso de ajuste neoliberal “salvaje” produjo una serie de efectos y consecuencias, la mayoría negativas. Si bien se controló la inflación y se registró un importante crecimiento entre 1991-1994, a partir del “efecto tequila”, la Argentina entró en una crisis que se profundizó hasta la debacle del 2001. Las principales consecuencias negativas fueron el “desguace” del Estado, la extranjerización de la economía, la quiebra del aparato productivo, la crisis del agro, y el retroceso en materia laboral y social.

¹¹ Definições: *Taxa de Atividade*: Calculada entre a porcentagem da População Economicamente Ativa (PEA) sobre a população total. *Taxa de Desocupação*: Calculada entre a porcentagem de população desocupada sobre a PEA. *Taxa de Emprego*: Calculada entre a porcentagem de população ocupada sobre a população total. Para o período de 1980 a 2002 a PEA são as pessoas com 14 anos ou mais de idade. A partir de 2003 houve uma reformulação nos conceitos da PEA pelo INDEC (Instituto Nacional de Estadística y Censos) e passou a considerar pessoas com 10 anos ou mais de idade. (Fonte: EPH – Notas Metodológicas e Glossário - www.indec.gov.ar)

Gráfico 1-Taxa de Atividade, Taxa de Desocupação (1980-2007*) e Taxa de Emprego (1983-2007*) para a Gran Córdoba por semestre

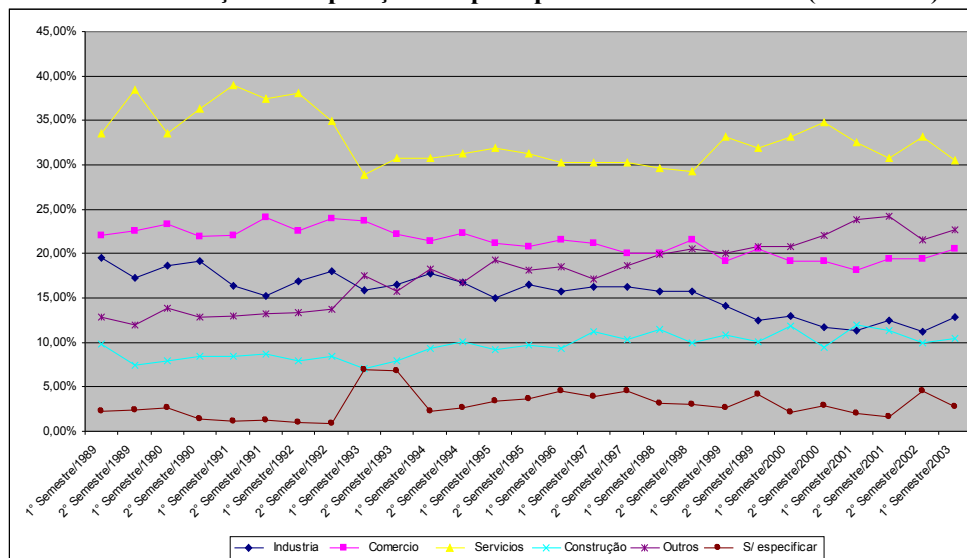


Fonte: EPH – Encuesta Permanente de Hogares (Série Histórica)

Como já ressaltado anteriormente, desde o final da primeira metade do século XX a *Gran Córdoba* foi uma localidade que atraiu uma massa importante de grandes indústrias e se tornou uma das regiões argentinas que polarizaram este ramo de atividade.

O Gráfico 2 mostra a evolução da população ocupada na Gran Córdoba por ramo de atividade:

Gráfico 2- Evolução da População Ocupada por Ramo de Atividade (1980-2003)



Fonte: EPH – Encuesta Permanente de Hogares (Série Histórica)

A partir do Gráfico 2, observa-se que os setores que mais movimentaram os empregos na Gran Córdoba foram Serviços, Comércio e a Indústria. No movimento da reestruturação produtiva – apontado anteriormente pelas três taxas – a Indústria e os Setores de Serviços são os que mais contribuem na diminuição dos empregos.

De um modo geral, o que os autores que focaram seus estudos nas indústrias de Córdoba admitem que *“se podría afirmar a priori, que en los años noventa, se está produciendo un proceso de reestructuración industrial, en el contexto de la incorporación de la ciudad de Córdoba al Mercosur dentro del marco de la economía capitalista globalizada.”* (TOMADONI *et alli*: 2001, p. 3). As conseqüências diretas como mostram os números são de uma nova lógica no mercado de trabalho, de menos empregos, conseqüente aumento de desemprego e da informalidade.

4. O Médio Paraíba Fluminense:

A mesoregião do Médio Paraíba é composta pelos municípios de Itatiaia, Piraí, Barra do Piraí, Quatis, Volta Redonda, Resende, Porto Real, Barra Mansa, Rio Claro, Pinheiral, Valença e Rio das Flores. A região guarda hoje muito pouco de seu passado rural, sendo quase que totalmente urbana.

Durante muitos anos, o grande produto regional foi o café, que entrou em decadência quando do esgotamento dos solos, além da enorme dependência dos agricultores fluminenses de seus escravos. De volta ao cenário nacional com o projeto desenvolvimentista de Getúlio Vargas, nos anos 1930 e 1940, a região recebeu a primeira indústria de base brasileira. Reunia inúmeras condições para atração industrial, como a localização geográfica, entre Rio de Janeiro e São Paulo, estradas-de-ferro, rodovias, potencial elétrico e hídrico. O primeiro surto industrial da

região, se deu no setor têxtil, e em cidades com capital acumulado ainda do período do café. (MARAFFON, G. *et alli*: 2005).

Por ter se desenvolvido enormemente em torno da Companhia Siderúrgica Nacional – gerando o que é hoje a maior cidade do Sul Fluminense, Volta Redonda –, é difícil não pensarmos a relação entre a região e a siderúrgica desde a sua fundação até os dias de hoje. “Durante um período de cerca de cinquenta anos confundiu-se seu próprio entorno espacial e à medida que progressivamente foi desconstruindo esse padrão relacional simbiótico, fez emergir reativamente um ‘acúmulo regional de relações políticas’ (RAMALHO, 2005, p.17) que estabeleceu elementos para a apreensão, por parte dos agentes regionais, da desindustrialização e da redinamização econômica como fatos ‘socialmente determinados’ (SVENDSEN, 2005:4), interagindo e modificando-os” (SANTOS, 2007, p.113)

A partir da segunda metade da década de 1990, a região viu – principalmente na CSN já privatizada – o fortalecimento do processo de reestruturação, “como uma conformação das estratégias corporativas em direção a algumas características do modelo das plataformas-satélite, particularmente, do rebaixamento de custos operacionais e padrões de remuneração da força de trabalho, e otimização de fatores locacionais fiscais e de instalação (RAMALHO, 2005: 4)”.

O município de Resende insere-se, por sua vez, no contexto da reestruturação produtiva, num momento específico da economia brasileira. Ao longo da década de 1990, com a abertura do mercado ao capital externo, muitas das fábricas (majoritariamente situadas no Grande ABC paulista) sofreram com as mudanças de estratégias empresariais adequadas ao novo contexto do mercado. Reformas fiscais e tributárias e inúmeras isenções fizeram com que a concorrência solapassem algumas das maiores plantas industriais do país¹². No setor automotivo, os diversos

¹² Sobre esse tema, RODRIGUES, I: “Relações de trabalho e ação sindical no ABC paulista nos anos 1990”, In: NABUCO, M. *et alli*, 2002

acordos e regimes deram diferentes resultados, mas quase nunca duradouros¹³. Ao mesmo tempo, o pacto federativo brasileiro recebeu maior liberdade tributária, permitindo aos estados alíquotas diferenciadas que compensassem de alguma forma as diferenças técnico-produtivas internas. O que configuraria a guerra fiscal acabou por municiar inúmeros estados e municípios de atrativos para o grande capital.

O estado do Rio de Janeiro entrou na disputa pela planta industrial da Volkswagen na primeira metade da década de 1990, oferecendo vantagens fiscais e locacionais. Conseguiu atrair a primeira fábrica totalmente pensada no modelo de consórcio modular do país. Modelo esse que seria posteriormente instalado em outras plantas da própria montadora ao redor do mundo.

Cada fornecedor instala suas peças e componentes diretamente nos cem ônibus que estão sendo produzidos por mês. Na primeira etapa são apenas quatro fornecedores ‘compostos’: MWM (motores), Iochpe e Maxion (cabine e chassi), Rockwell (eixos). Serão ao todo oito fornecedoras finais, sem um único funcionário da Volkswagen na linha. A VW acompanhará tudo através de um sistema de computadores, somente intervindo na aprovação dos produtos e nos testes finais. No fim, os fornecedores passam a fazer parte de três categorias possíveis: articuladores de sistemas, especialistas em componentes e produtores de autopeças. (DREIFUSS, 1996: 55)

Como resultado da instalação do consórcio modular em Resende ocorreram algumas alterações políticas – como a emancipação de Porto Real –, além da criação de empregos, modificações no sistema de ensino da região, expansão de universidades, implantação de SENAI, SESI, suas escolas e suas estruturas sociais.¹⁴

Quanto às indústrias automobilísticas instaladas na região, o que se pode dizer é que há dificuldades no campo do trabalho, como a de legitimar comissões de fábrica, organizar trabalhadores em torno dos sindicatos e mobilizar a classe operária, de maneira geral. Isso tudo tende a ser reflexo do novo modelo produtivo¹⁵. O que se vê hoje na região do Médio Paraíba

¹³ Sobre esse tema ver LEITE, M. 2003.

¹⁴ Sobre o tema, ver RAMALHO, J.R. & SANTANA, M.A., 2006.

¹⁵ Apesar disso, Ramalho vê que os trabalhadores têm alcançado algumas conquistas: “Embora as empresas tivessem criado expectativas no que diz respeito às dificuldades que os trabalhadores encontrariam para se organizar em uma área *greenfield*, o que ocorreu de fato, e relativamente rápido, foi que, apesar dos limites impostos ao sindicato e aos trabalhadores, estes conseguiram demonstrar capacidade organizativa e mobilizatória, não só promovendo atividades organizadas de reivindicações dentro da VW, como conquistando o espaço político para o funcionamento de uma

Fluminense são tentativas, ora bem, ora mal sucedidas, de se organizar o trabalhador neste novo mundo do trabalho¹⁶.

Com respeito à organização político-institucional, ou mesmo tripartite, da região, de forma integrada, tentou-se organizar estratégias político-sociais em torno de seu potencial produtivo e do proeminente parque industrial, que conta com inúmeras grandes plantas industriais. O Sul Fluminense tenta caminhar para a construção de uma agência que fomente o desenvolvimento regional, com a ajuda dos diferentes atores regionais¹⁷. Apesar disso, a participação sindical é parca. O temário de discussão dos sindicatos ainda sofre muita influência das grandes centrais sindicais. Atualmente, há a idéia da construção de um consórcio de fornecedoras que seria desenvolvido na própria região, com a participação das grandes indústrias locais – dentre elas a Galvasud, Xerox, PSA-Peugeot-Citroën, Volkswagen – nas discussões, além das diretorias das empresas e dos dirigentes locais no desenvolvimento deste pólo (RODRIGUES; RAMALHO: 2007).

Recentemente, houve tentativas de integração estratégica, como a criação do MERCOVALE¹⁸. Porém, uma das razões do atraso nas discussões do MERCOVALE foi a aparente tentativa do então prefeito de Volta Redonda de fazer de sua cidade a líder do mercado regional.

comissão de fábrica. Essa articulação entre sindicato e comissão de fábrica seria marcada, muitas vezes, por tensões entre seus representantes, sobre quem passaria a coordenar as movimentações dos trabalhadores” (RAMALHO, 2007)

¹⁶ “No entanto, o nível mais elevado de escolarização dos trabalhadores e a possibilidade de um intercâmbio freqüente com outras experiências semelhantes têm tido o efeito de agilizar os mecanismos de reivindicação e participação do sindicato, inclusive em aspectos que ultrapassam a pauta sindical tradicional” (RODRIGUES e RAMALHO, 2007, p.36)

¹⁷ Algo no molde da Agência de Desenvolvimento do Grande ABC. Sobre esse tema ver LEITE, M. *op. cit.*

¹⁸ tentativa mais recente de integração estratégica e regional das cidades do Médio Paraíba se deu nas discussões sobre a constituição do MERCOVALE, uma “marca pública de um mercado regional” que expressaria “uma percepção difusa da necessidade de constituição de novos caminhos político-institucionais, os quais deveriam ser apoiados por uma ampla coalizão de interesses econômicos, políticos e sociais que garantiriam sua sustentabilidade e avanço. Região e mercado constituiriam assim, uma síntese difícil de forjar, no interior da qual seus diversos componentes ainda se opunham e aspiravam tornarem-se hegemônicos” (SANTOS, 2007, p.102).

Com o fracasso inicial do MERCOVALE, algumas atitudes tiveram que ser tomadas de forma diferente para a re-introdução do tema integração e desenvolvimento regional. Na tentativa de constituição do Pólo Industrial e Tecnológico do Médio Paraíba e Sul Fluminense, houve a “ampliação da concepção de região e da estrutura produtiva que a define, estando umbilicalmente ligados às primeiras mobilizações em torno do Projeto Rio Automotivo e do APL Metal-Mecânico do Médio Paraíba, constituindo um resultado destas mobilizações, mas também uma consequência de reação ao estágio evolutivo atual do MERCOVALE.” (Idem, 2007, p.108) O que se pensa hoje na região é no desenvolvimento do que restou de positivo na integração regional do MERCOVALE, mas distanciado da esfera meramente político-partidária para uma “esfera sociopolítica e institucional, com liderança empresarial e de corte regional, basicamente estruturada em torno do METALSUL.”(Ibidem, 2007, p.108)

Atualmente, alguns projetos regionais em moldes semelhantes ao pensado para o MERCOVALE estão em curso, como o APL metal mecânico, Rio automotivo, METALSUL, e projeto para o pólo industrial do Médio Paraíba e Sul Fluminense, com participação de empresários da região, FIRJAN, SEBRAE, instituições de educação (pública e privada) e pelo sindicato dos metalúrgicos do Sul Fluminense (Idem, p.111).

Os dados mais recentes podem ser alentadores e confirmar o potencial propagandeado pelos administradores da região sobre uma “nova região industrial do estado”. De fato, muitos investimentos em estudos tecnológicos e científicos já foram feitos nas cidades do Médio Paraíba, inclusive com a expansão dos cursos das universidades públicas e particulares ali situadas.

4.1 A região do Médio Vale do Paraíba Fluminense em números:

O Censo Demográfico de 1991 apontou diversas questões interessantes sobre a região Sul fluminense, mais especificamente sobre a mesorregião administrativa do Médio Paraíba. Naquele

ano, Volta Redonda ocupava o terceiro lugar no ranking de melhores IDHs do estado, só perdendo para Rio de Janeiro e Niterói.

Tabela 1- IDH e seus componentes para o Médio Paraíba Fluminense – 1991

MUNICÍPIO	Esperança de vida ao nascer (em anos)	Taxa de alfabetização de adultos (%)	Taxa bruta de frequência escolar (%)	Renda per capita (em R\$ de 2000)	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M)	Classificação na UF	Classificação Nacional
Volta Redonda	69,05	92,24	80,46	242,26	0,769	3	109
Resende	68,27	89,15	74,78	250,83	0,753	4	268
Itatiaia	70,32	85,82	69,98	242,51	0,750	6	303
Barra Mansa	68,26	89,61	72,00	198,90	0,738	8	474
Pinheiral	68,81	87,82	69,50	171,07	0,726	11	670
Barra do Pirai	66,15	88,75	69,30	203,24	0,723	15	738
Valença	66,26	87,45	71,63	199,27	0,722	16	752
Pirai	67,90	81,94	65,20	189,28	0,709	23	1029
Quatis	67,09	82,55	59,80	189,04	0,700	32	1253
Porto Real	64,69	83,64	65,24	137,70	0,677	50	1750
Rio das Flores	65,66	77,11	62,74	165,66	0,676	54	1781
Rio Claro	67,34	74,52	62,32	145,59	0,671	56	1868

Fonte: Censo Demográfico 1991 - IBGE

Em relação ao resto do país, a cidade se localizava na 109^a posição, sendo a melhor colocada do Médio Paraíba Fluminense. Com melhor renda média (valores referentes a 2000), de R\$250,83, porém com pior taxa de alfabetização e piores coeficientes componentes do IDH, ficava Resende, o quarto IDH do estado. Itatiaia ficava em quarto na região, mas em sexto lugar no total do estado, ocupando a 303^a posição em relação ao resto do Brasil. Esses dados componentes do IDH são interessantes – embora não sejam suficientes – para comparações, principalmente entre as cidades da própria região.

Isso porque, em 2000, quando o Censo voltou a ser realizado, a região já havia mudado bastante. A população chegou a 2,6 milhões de pessoas, tendo somente Volta Redonda atingido 242 mil habitantes. A esperança de vida das pessoas havia se elevado, bem como a renda média. Resende seguia com a melhor renda média per capita, chegando agora a R\$365,45, tendo Volta Redonda uma renda média per capita de R\$348,17. Neste quesito e em praticamente todos os outros, pelo menos nominalmente, a região melhorou, o que pode ser comprovado a partir dos próprios índices de IDH atingidos, nesse período, pela região.

Tabela 2 - IDH e seus componentes para o Médio Paraíba Fluminense - 2000

MUNICÍPIO	Esperança de vida ao nascer (em anos)	Taxa de alfabetização de adultos (%)	Taxa bruta de frequência escolar (%)	Renda per capita (em R\$ de 2000)	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M)	Classificação na UF	Classificação Nacional
Volta Redonda	70,80	94,93	89,53	348,17	0,815	3	297
Resende	70,00	93,11	89,13	365,45	0,809	5	401
Barra Mansa	72,20	93,56	86,74	286,41	0,806	6	462
Itatiaia	71,95	91,99	84,39	295,87	0,800	8	567
Pinheiral	72,34	92,42	88,30	240,53	0,796	10	649
Quatis	74,07	89,41	81,65	237,54	0,791	13	789
Barra do Pirai	68,63	93,12	85,63	274,57	0,781	25	1029
Pirai	70,00	89,16	84,23	265,41	0,777	31	1145
Valença	68,54	91,20	85,99	267,72	0,775	32	1173
Porto Real	66,49	89,49	82,30	212,55	0,743	58	2065
Rio das Flores	68,54	86,40	80,77	186,45	0,739	64	2180
Rio Claro	70,00	83,62	73,33	203,35	0,737	66	2238

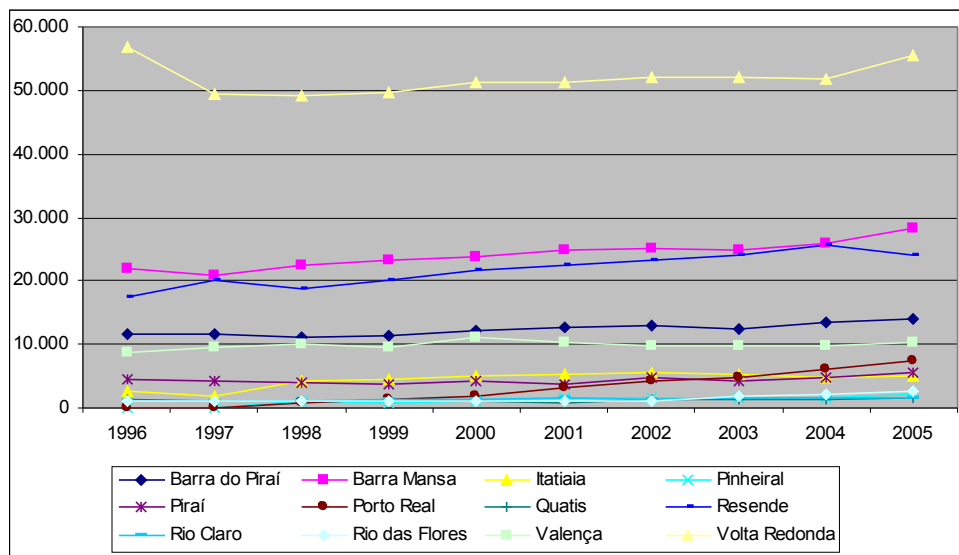
Fonte: Censo Demográfico 2000

Porém, ao se comparar os municípios do Médio Paraíba com o restante do país, a melhora absoluta dos índices denota um descompasso em relação a melhora de diversos outros municípios nacionais. Volta Redonda, ainda o melhor IDH da região, situava-se, na década de 90, como a 109ª cidade, passando a 297ª do país uma década depois. Já Resende passou da 268ª posição para a 401ª, no mesmo período. De qualquer forma, percebemos que a frequência escolar da região aumentou bastante, bem como a taxa de alfabetização da população, sendo o pior índice o de Rio Claro, com 83% da população adulta alfabetizada. Os dois piores municípios continuaram a ser Rio das Flores e Rio Claro, com os dois melhores também se mantendo. Importante é perceber a piora relativa de Itatiaia, perdendo seu posto na região e no resto do estado para Barra Mansa.

Em relação ao mercado de trabalho da região, nota-se que o volume de empregos foi razoavelmente constante para quase todos os municípios, mesmo se considerando o aumento da população e da PEA. Ao observar o gráfico 3, percebe-se que desde 1996, o número de empregados (setor formal) não vem acompanhando o crescimento populacional, o que denota um acréscimo de informalidade e o aumento do desemprego. Alguns municípios apresentam um crescimento no volume de empregos, como os municípios de Resende e Barra Mansa, que desde 1996 apresentam ligeiro crescimento no total de empregados no setor formal. O município de Volta Redonda apresenta uma queda inicial de quase 7 mil empregos, recuperando-se somente ao

final do período analisado. Mesmo assim, Volta Redonda não recupera-se em outros quesitos, como rendimentos provenientes do emprego formal, como será visto mais adiante.

Gráfico 3 - Total de empregados por município - Médio Paraíba Fluminense, 1996-2005



Fonte: RAIS 1996-2005

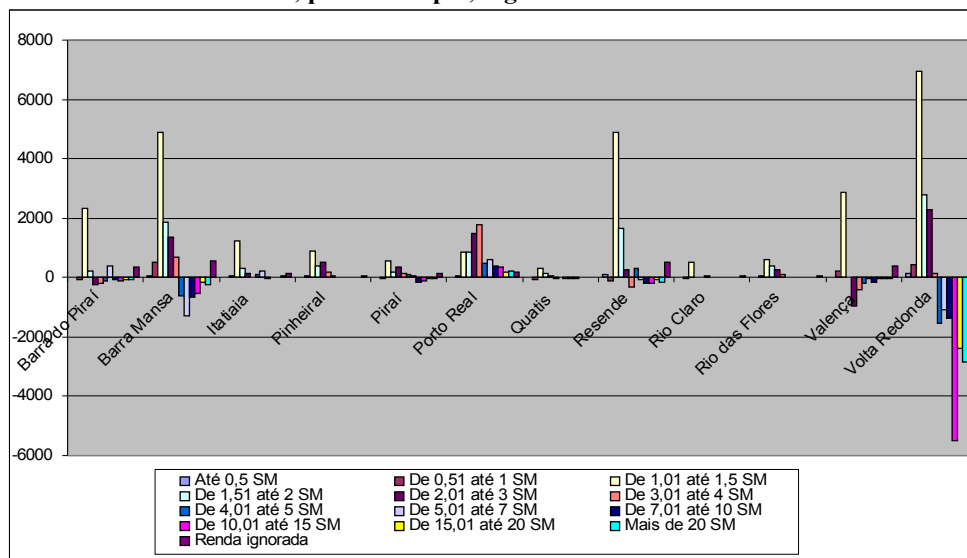
Outro ponto importante, já citado mais acima, é a questão da mudança do perfil do emprego em função da reestruturação produtiva. Como bem coloca Sassen (1988), a tendência dos aglomerados urbanos que passam a integrar o mercado produtivo – principalmente o já reestruturado – é uma migração dos empregos do setor industrial para o setor de serviços, principalmente para empregos de menor qualificação, com conseqüente perda de salários. O fenômeno pode ser observado no maior município da região, Volta Redonda, que passou pelo processo da privatização da Companhia Siderúrgica Nacional, vendo diversos investimentos da empresa serem transferidos para outras regiões do país.

Os empregos do setor industrial apresentam um saldo extremamente negativo para o município de Volta Redonda, de 1996 a 2005 (gráfico 2). Foram 9.400 empregos perdidos no setor industrial e 10.500 perdidos no setor específico de transformação. Esses empregos foram recuperados no setor de serviços e em outras atividades do setor terciário.

Já para o município de Resende, pouco mais de 700 empregos foram criados no setor da indústria de transformação, mesmo tendo o município recebido a planta da Volkswagen (que emprega, via subsidiárias, praticamente 700 funcionários diretos, segundo dados da ANFAVEA). A cidade, no entanto, apresenta um saldo positivo no volume de empregos em relação a 1996.

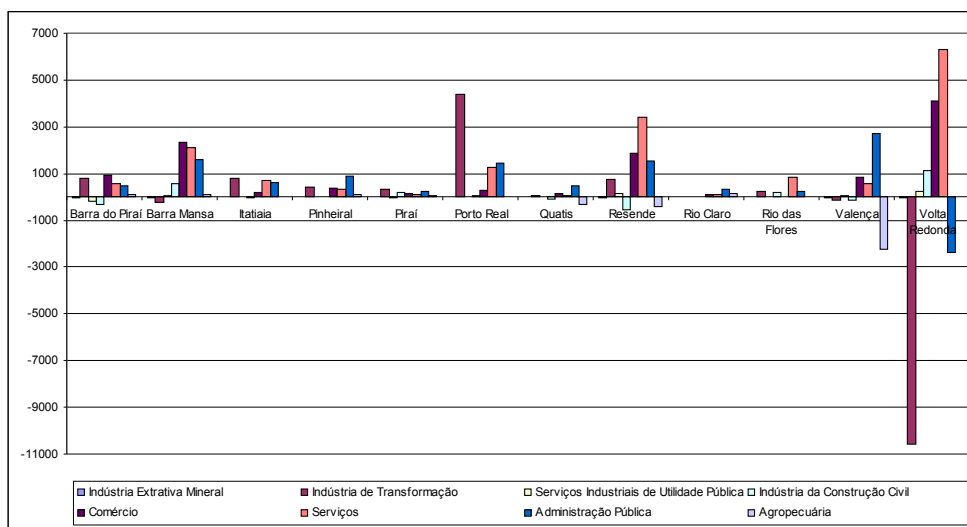
De maneira geral, o saldo (ver gráfico 4) é timidamente superior para a região, sendo Quatis o município que menos elevou o número de empregos em relação a 1996, e Porto Real a que mais aumentou, chegando a praticamente 7500 empregos a mais que em 1996.

Gráfico 4 - Saldo dos empregos formais de 1996 a 2005 no Médio Paraíba Fluminense, por município, segundo faixas de rendimento



Fonte: RAIS

Gráfico 5- Saldo dos empregos formais de 1996 a 2005 no Médio Paraíba Fluminense, por município, segundo atividade econômica

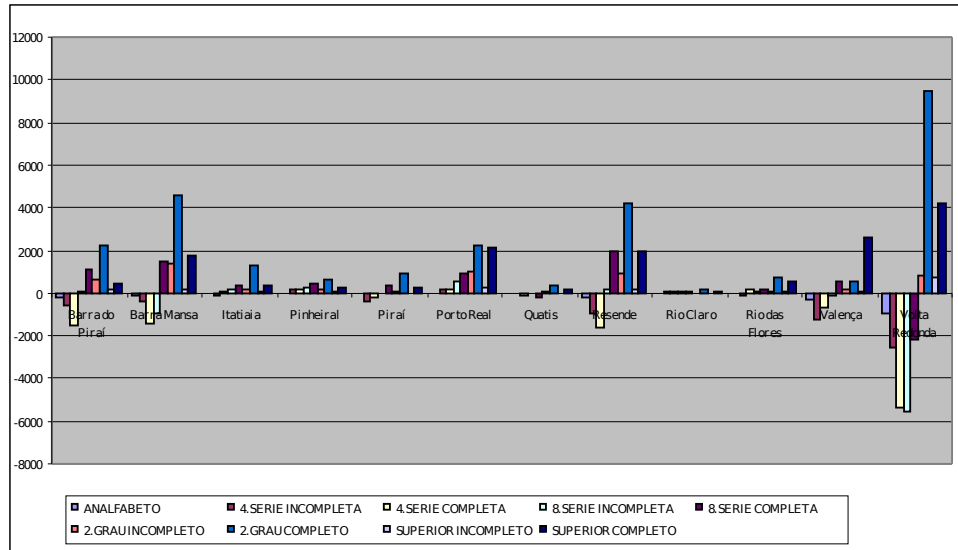


Fonte: RAIS

Quando observamos o grau de instrução dos empregados da região (gráfico 5), em relação aos da mesma região em 1996, percebemos mais uma das faces dos processos de reestruturação produtiva em curso atualmente em praticamente todo o mundo: a elevação das exigências de qualificação profissional com redução relativa do salário. Em todos os municípios, a criação de novos postos de trabalho se dá apenas para empregados com primeiro, segundo ou terceiro graus completos. Apenas em Pinheiral, assim mesmo num volume muito baixo, é que se observa criação de empregos para graus mais baixos de instrução.

Porto Real, Valença, Resende, Barra Mansa e, principalmente, Volta Redonda, foram os municípios que mais empregaram mão de obra com curso superior completo. Já Pinheiral, Porto Real e Rio Claro foram os três únicos municípios da região que empregaram ou mantiveram empregadas, formalmente, pessoas analfabetas.

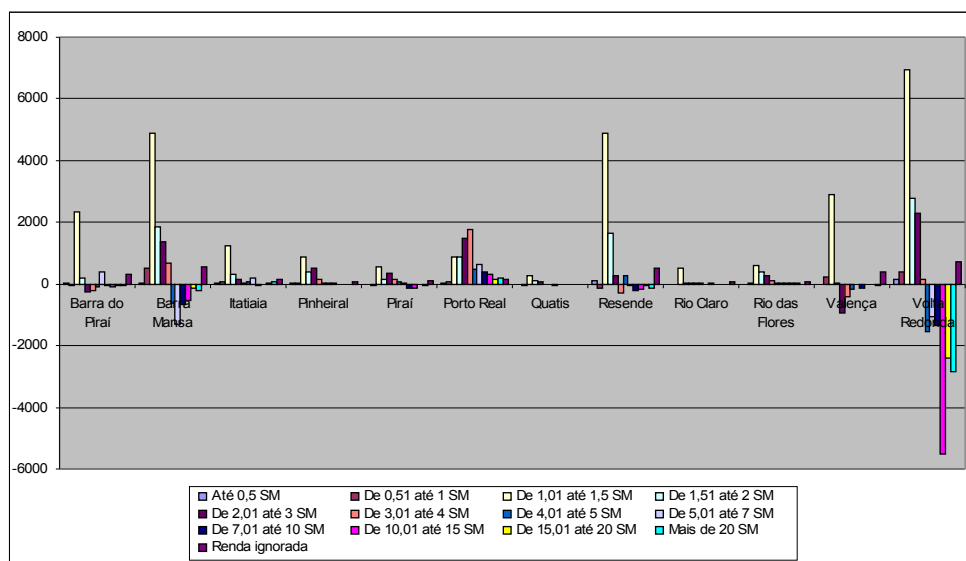
Gráfico 6- Saldo dos empregos formais de 1996 a 2005 no Médio Paraíba Fluminense, por grau de instrução e município



Fonte: RAIS – 1996-2005

Essa mudança provocada pelos novos processos produtivos, são seguidas de uma outra face: a da redução dos salários. O fenômeno que se tem ao fim do período em questão é a massiva concentração modal da criação dos empregos (ou de sua manutenção) na faixa salarial que vai de 1 a 1,5 salário mínimo. Isso se repete em praticamente todos os municípios. Percebemos, por outro lado, principalmente nas cidades que abrigaram mais indústrias ou que tem um complexo produtivo e comercial mais amplo, como no caso de Volta Redonda, a brusca redução dos empregos de salários mais altos, a partir de 7 salários mínimos. Apenas Porto Real, antigo distrito de Resende, conseguiu criar empregos com salários maiores que 7 salários mínimos.

Gráfico 7 - Saldo dos empregos formais de 1996 a 2005 no Médio Paraíba Fluminense, por faixas salariais e município

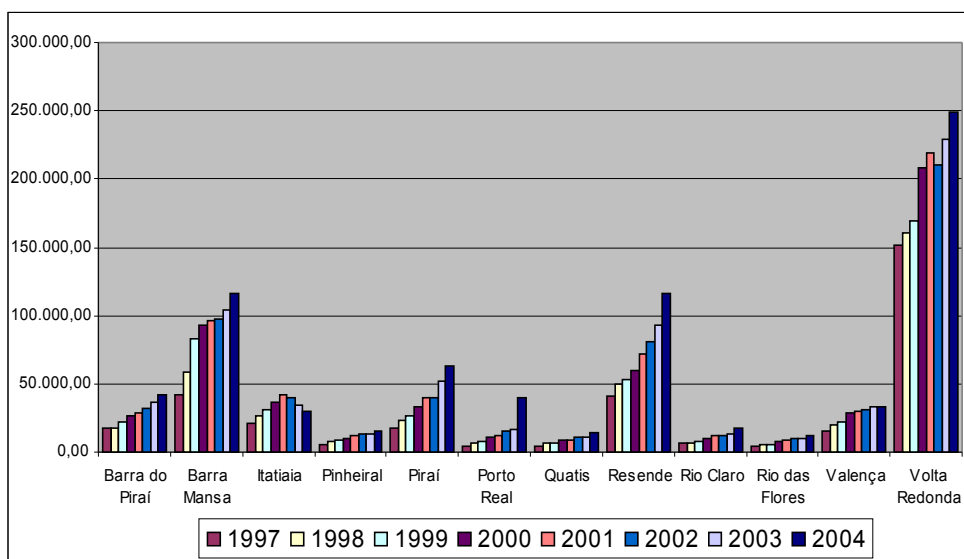


Fonte: RAIS

Ou seja, para completar a nova estruturação produtiva não bastou exigir mais, mas foi necessário pagar menos. Isso se coaduna com o próprio processo de desenvolvimento de uma região que há muito buscava sua inserção no complexo produtivo brasileiro. Uma região que chegou mesmo a estar excluída do mapa das regiões que obtiveram algum ganho nos últimos 25 anos do século XX (AJARA, 2001).

Isso tudo acontece em uma região que viu elevar bastante suas receitas correntes, sua participação no ICMS e mesmo seu PIB, seja ele total ou per capita. Apenas Itaiaia viu sua receita declinar. Valença, Rio Claro, Rio das Flores e Quatis também tiveram dificuldades em assumir um crescimento vigoroso em suas receitas, como observado em Resende, Volta Redonda e Porto Real (gráfico 5). Um ponto interessante desse gráfico é enxergar um aumento um pouco mais acentuado nos anos de 2004 e 2005.

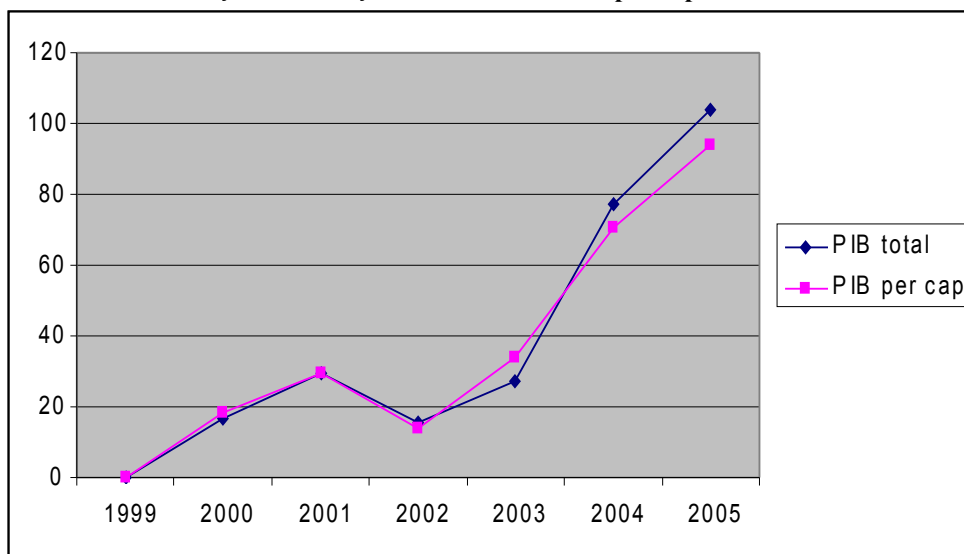
Gráfico 8 - Receitas correntes municipais do Médio Paraíba Fluminense entre 1997 e 2004



Fonte: Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro - TCE.

O aumento das receitas também compõe o conjunto do PIB. A região do Médio Paraíba Fluminense viu seu PIB total elevar-se mais de 100% entre 1999 e 2004. Ao mesmo tempo, o PIB per capita cresceu em torno de 94%,

Gráfico 9-Relação de variação de PIB total e PIB per capita entre 1999 e 2004



Fonte: IBGE

A maior variação foi entre 2003 e 2004, seguindo alta também em 2005. Isso aponta para uma grande recuperação e inserção da região no cenário produtivo nacional. De fato, a

produtividade de suas indústrias é alta e já são previstos novos investimentos, como por exemplo, na fábrica de ônibus e caminhões da Volkswagen, em Resende.

De fato, diversos investimentos foram feitos na região ao longo desses últimos anos, chegando mesmo às tentativas de criação de um mercado integrado e da constituição do pólo metal-mecânico¹⁹. Diversos municípios souberam se aproveitar da boa infra-estrutura local, da excelente localização da região e das aberturas na legislação fiscal brasileira, que permitiu a livre redução das alíquotas para atração de indústrias. Grandes plantas industriais, como a Galvasud, a Michelin, cervejaria Cintra, Eurostamp, a fábrica de cimentos da CSN, o alto forno 4 (investimento de mais de R\$ 2 bilhões), a Volks ônibus e Caminhões, dentre outras empresas menores fizeram vultosos investimentos na região, somando uma ordem de R\$ 1 bilhão ao ano.²⁰

5. Considerações Finais

Uma primeira consideração que deve aqui ser ressaltada é a diferença da dinâmica territorial das regiões de estudo. *Gran Córdoba* é formada territorialmente pela conurbação da Capital da Província de Córdoba e alguns distritos de outros Departamentos que estão sobre influência direta da capital. Tem população maior que um milhão de habitantes, com densidade populacional de mais de 2.000 habitantes por quilômetro quadrado, configurando uma complexidade urbana de região metropolitana. Já a Região do Médio Paraíba Fluminense é formada por um conjunto de 12 municípios que atingem uma população de um pouco mais de 870 mil habitantes. Este conjunto de municípios não tem contigüidade estrutural urbana. O eixo estruturante da região é a importante rodovia Presidente Dutra, paralela às áreas urbanas dos municípios, ligando as duas Regiões Metropolitanas mais importantes do Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro. Portanto, configurações de regiões fundadas em estruturas territoriais totalmente

¹⁹ Secretaria de ciência e tecnologia do Estado

²⁰ Fundação CIDE

diferentes, mas que apresentam, a partir da análise dos modelos de estruturação e reestruturação produtiva, semelhantes conseqüências na passagem de uma para a outra.

Dentro de alguns resultados obtidos e análises feitas, podemos delinear que as duas regiões, historicamente, são fundadas em produções diferentes: o Médio Paraíba Fluminense com a Siderurgia, Córdoba com a Indústria Aeroespacial e de Automóveis, mas com estruturas produtivas idênticas: o fordismo. Diante da reestruturação, mesmo havendo diferença entre os setores produtivos, as duas regiões implantaram sistemas de produção baseados nos mesmos princípios, na busca de reverter as crises econômicas instauradas a partir, mais agudamente, dos anos 1990. Na região Sul Fluminense, dois municípios se destacaram neste processo histórico de desenvolvimento local da indústria: Volta Redonda e Resende, impulsionando a estruturação regional. No entanto, os municípios são representantes de fases distintas.

Já *Gran Córdoba*, como centro industrial impulsionado pelo acúmulo de capital do setor agropecuário, teve em seu processo inicial de estruturação o fordismo, configurando uma região de receptividade migratória em função da disponibilidade de empregos. A reestruturação inverteu este processo em toda a Argentina, criando novos pólos de investimentos industriais, fazendo com que Gran Córdoba perdesse força produtiva relativa.

O que se percebe, portanto, é que em duas regiões que, apesar de suas semelhanças, encontraram-se ao longo do século XX em estágios de desenvolvimento distintos, passam a fazer parte de uma lógica reestruturante mundial, como vemos em diversas regiões de indústrias maquiladoras, como nas tradicionais fábricas de automóveis de Detroit, nos EUA, ou como na nova lógica de organização do trabalho que vem sendo implantada no continente europeu. Inserem-se, nesse sentido, no mapa da reestruturação produtiva, embora com políticas de desenvolvimento regional distintas. No Médio Paraíba, assistimos a dois lados da moeda: privatização, mudanças no padrão produtivo e políticas de atração industrial baseadas em

isenções, doações e articulações governamentais. Em Córdoba, a tentativa de se manter o que já fora conquistado e a necessidade de aprender a conviver com as novas estratégias para manutenção de empregos e indústrias e para engrenar seu desenvolvimento regional. No entanto, chegam ao século XXI parecendo confirmar as tendências de mudança do perfil produtivo e salarial do mercado de trabalho mundial.

Referências Bibliográficas:

- ANTUNES, Ricardo: “Os caminhos da liofilização organizacional: as formas diferenciadas da reestruturação produtiva no Brasil” IN: Revista Idéias, Campinas, 9(2)/10(1):13-24, 2002-2003.
- _____. “A nova morfologia do trabalho e o desenho multifacetado das ações coletivas” IN: RAMALHO, José Ricardo; SANTANA, Marco Aurélio, *Além da fábrica*, São Paulo, Boitempo Editorial, 2003.
- ARRIGHI, G.: *A ilusão do desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BRAVERMAN, Harry: *Trabalho e capital monopolista*, Rio de Janeiro, Zahar, 1987.
- CARDOSO, A..M &COMIN, A.A. (1995): “Câmaras setoriais, modernização produtiva e democratização das relações de trabalho no Brasil: a experiência do setor automobilístico” IN: VILLAS BÔAS, G. & GONÇALVES, M..A.(Orgs.) *O Brasil na virada do século – o debate dos cientistas sociais*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- CICCOLELLA, Pablo José: “ **Reestructuracion Industrial y Transformaciones Territoriales: Consideraciones teóricas y aproximaciones generales a la experiencia argentina**”. In: Territorio n° 4 - <http://www.filo.uba.ar/contenidos/investigacion/institutos/geografia/territ4.htm> 1992. acessado em 20/04/2008
- CASTELLS, Manuel: *A sociedade em rede*, São Paulo, Paz e Terra, v.1, 1999
- COSTAMAGNA, Pablo: *Políticas e instituciones para el desarrollo económico territorial. El caso de Argentina*, Santiago de Chile, CEPAL, 2007.
- DRUCK, Maria da Graça: *Terceirização: (dês)fordizando a fábrica – um estudo do complexo petroquímico*, São Paulo, Boitempo Editorial, 1999.
- FIORI, José Luís - Estados e moedas no desenvolvimento das nações. Petrópolis, Ed. Vozes, 1999.
- FREYSSINET, M. & LUNG, Y: Between Globalization and regionalization: What is the future of the automobile industry? *Acteus du Gerpisa* (Groupe d’Étude et de Recherche Permanent sur L’Industrie et les Salariés de l’Automobile). França : Université de Evry, 18, 1997.
- GOUNET, Thomas: *Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel*, São Paulo, Boitempo, 1999
- HARVEY, David: “Do fordismo à acumulação flexível”, IN: *A condição pós-moderna*, São Paulo, Ed. Loyola, 1992.
- MARAFON, G. *et alli: Regiões de governo do estado do Rio de Janeiro – uma contribuição geográfica*, Rio de Janeiro, Gramma, 2005.
- RAMALHO, José Ricardo: “Dinâmicas Sociopolíticas em novos territórios produtivos – introdução”, IN: *CADERNO CRH*, v.19, n.46, Salvador, Jan-abr. 2006, Universidade Federal da Bahia.
- RAMALHO, José Ricardo; SANTANA, Marco Aurélio: *Trabalho e tradição sindical no Rio de Janeiro – a trajetória dos metalúrgicos*, Rio de Janeiro, DP&A, 2001.
- RODRIGUES, I.; RAMALHO, J.(orgs.) : *Trabalho e sindicato em antigos e novos territórios produtivos – comparações entre o ABC paulista e o Sul Fluminense*, São Paulo, Annablume, 2007.
- SANTANA, Marco Aurélio: “As centrais sindicais brasileiras e a reestruturação produtiva: análises e propostas”, *Sociologias*, Porto Alegre, n. 4, jul/dez de 2000.
- SANTOS, Milton: *Da totalidade ao lugar*, São Paulo, Edusp, 2002.
- SASSEN, Saskia: *The mobility of capital and labour*, Cambridge, Cambridge University Press, 1988.

STOBBE, Lineke: Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo, 1999 - CDI-MECON

TOMADONI, Claudia: Estrategias de las Empresas Terminales Automotrices en el marco de la Reestructuración Industrial. El caso del Área Metropolitana Córdoba, V Seminario Internacional de la RII, Toluca, 1999.